

NARRATIVA VISUAL, INFORMAÇÃO E MEDIÇÃO DO ESPÍRITO COMUM NAS FESTAS COMUNITÁRIAS

Valdir Jose Morigi*
Carla Pires Vieira da Rocha**
Simone Semensatto***

RESUMO

O objetivo deste artigo é desvendar como a narrativa visual auxilia na construção dos sentidos das festas comunitárias, uma vez que ela está presente em todos os espaços e etapas dos festejos. A pesquisa de campo foi realizada nas festas comunitárias no município de Estrela – Rio Grande do Sul – Brasil no período de 2004 a 2007. Através de entrevistas, do registro de imagens e da observação participante foi possível analisar como a narrativa visual mediatiza as trocas reais e simbólicas entre os atores sociais que participam destes eventos. As narrativas visuais, no contexto das festas comunitárias, estão presentes na forma de imagens (gráficas, sinais, cores...). A narrativa visual como meio de comunicação das informações dos sentidos da festa é responsável pela mediação da construção do seu espírito comum.

Palavras-chave:

FESTAS COMUNITÁRIAS
NARRATIVA VISUAL E MEDIAÇÕES
INFORMAÇÃO E PRÁTICAS CULTURAIS
ESPÍRITO COMUM

* Professor do Departamento de Ciências da Informação da FABICO/UFRGS. Bacharel em Biblioteconomia UFPB, Bacharel Ciências Sociais PUCRS, Mestre em Sociologia Rural pela UFRGS e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.
E-mail: valdir.morigi@ufrgs.br.

** Bacharel em Artes Visuais e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.
E-mail: carlapvrocha@hotmail.com.

*** Bacharel em Biblioteconomia e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.
E-mail: ssemensatto@yahoo.com.br.

I INTRODUÇÃO

As festas comunitárias que ocorrem nas comunidades rurais do município de Estrela, Rio Grande do Sul, são tecidas por uma trama de informações envolvendo trocas informacionais, intercâmbios comunicativos e uma rede de sociabilidade, elementos esses responsáveis pela construção do espírito comum. Essas festas são constituídas de encontros de famílias, de amigos, de vizinhos, de conhecidos, de jovens, de pessoas na terceira idade, entre outros, por ocasião da comemoração dos santos padroeiros e também como confraternizações promovidas pelos clubes de mães ou pelo coral de cantores de cada comunidade. Nessas festas, evidencia-se a força do ritual que se orienta por um conjunto de significações envolvendo todos os seus participantes. É também de fundamental importância o papel dos mediadores, já que

são eles os responsáveis pela continuidade da tradição, passada e repassada continuamente pela rede de relações que se forma na festa.

Nesta pesquisa a informação é percebida no contexto de um evento social, onde a comunicação entre os sujeitos é imprescindível e a troca de informações é necessária para a construção do fato social. A informação passa a subjetivar as práticas e as ações dos sujeitos, tornando-se vital para o convívio em sociedade e para a constituição e a partilha do espírito comum que mantêm os grupos sociais em torno de um mesmo objetivo. A partir daí levanta-se as seguintes indagações: De que maneira as narrativas das festas realizam a mediação na construção do espírito comum? Qual o papel da informação nesse processo?

Trata-se de um estudo descritivo com metodologia qualitativa, cujo trabalho de campo foi realizado durante o período de 2004

a 2007, nas seguintes comunidades, também denominadas de *linhas*: *Linha Geraldo Baixa*, *Linha Santo Antônio*, *Linha Lenz*, *Linha São José e Novo Paraíso*, localizadas entre 10 a 15 km de distância da cidade de Estrela, região do Vale do Taquari. Cada uma dessas comunidades é composta por um núcleo principal constituído pela capela, pelo cemitério, pela escola e pelo pavilhão de festas, onde se realizam os diversos eventos.

Os dados foram coletados através das técnicas de pesquisa com entrevistas, gravadas em fitas cassete e, posteriormente, transcritas e analisadas. Foram entrevistados (questões abertas) 70 protagonistas das festas, entre organizadores e participantes, de ambos os sexos e diferentes faixas etárias. A partir daí, com a coleta de material impresso, completou-se as narrativas oral e escrita das festas. A composição final dos dados foi obtida com a construção da narrativa visual, através da observação participante e do registro fotográfico das imagens das festas.

2 A CIDADE DE ESTRELA E AS FESTAS COMUNITÁRIAS

Em meados de 1820, chegaram ao Rio Grande do Sul os imigrantes alemães que se estabeleceram em várias regiões do sul (ROCHE, 1969). Uma dessas regiões foi o Vale do Taquari, às margens do Rio Taquari, iniciando assim a sua povoação. O município de Estrela passou a ser habitado por vários grupos de imigrantes que formaram colônias e passaram a sobreviver da agricultura.

Nas colônias, não só o cultivo de alimentos era preservado, mas também as práticas religiosas, pois o catolicismo sempre esteve muito presente na vida desses imigrantes; e o município de Estrela formou-se com a colonização alemã que era predominantemente constituída de católicos. Conforme Roche (1969), ao estabelecerem-se aqui no sul, esses grupos passaram por muitas dificuldades até se adaptarem aos costumes da cultura local e do clima regional. Questões como as enchentes e as pragas nas plantações eram problemas difíceis de solucionar e acabavam por motivar e reforçar a sua fé. Segundo o autor, nessa época, as promessas aos santos tornavam-se a única alternativa para se vislumbrar a solução dos problemas como aqueles decorrentes do clima;

quando os mesmos eram solucionados, festejava-se esse santo como forma de agradecimento.

Os festejos comunitários têm relação com outras práticas da cultura alemã, como o Kerb, fazendo parte de uma tradição que se expressa nos costumes das famílias de imigrantes e têm como finalidade reforçar o espírito comunitário e os laços de solidariedade e afetivos entre os indivíduos dessas famílias, ancorado na afirmação da religiosidade das mesmas. Na tradição dos primeiros imigrantes, O **Kerb** era uma festa criada no sul do Brasil pelos imigrantes alemães que chegaram em 1824 em São Leopoldo (RS). Esses imigrantes enfrentaram muitas dificuldades para aprender a lidar com a terra e, após a primeira colheita farta, instituíram o **Kerb** como a festa da comunidade, inspirada na Festa da Colheita da Alemanha. Naquele país, essa era a principal festa da comunidade, na qual era comemorado o aniversário da igreja para os evangélicos ou o dia do padroeiro da paróquia para os católicos (MORAES, 1981). O envolvimento das igrejas com esse **festejo** depois que a ele foi incorporada a comemoração do aniversário da igreja da comunidade, considerando a data de instalação da mesma na comunidade (ROCHE, 1969). O Kerb era um festejo mais extenso, iniciando no domingo e finalizando somente na terça-feira. Destacava-se o fato das famílias enfeitarem suas casas para receber a comunidade e também a realização de bailes que desempenhavam papel importante na sociabilidade desses camponeses. O espírito comunitário era despertado pelo exercício da hospitalidade manifestada, principalmente, pela fartura de alimentos e bebidas ofertadas nos lares ao receber os outros membros da comunidade. No entanto, esse senso comunitário não estava restrito à hospitalidade domiciliar, mas estendia-se aos bailes, onde eram realizados os reencontros, as comemorações e os agradecimentos a Deus, elementos centrais na construção do espírito comum a partir das festas comunitárias.

As práticas da festa conservam alguns elementos da tradição da cultura alemã. A sua continuidade e manutenção junto às comunidades é expressa através das práticas da religião, das vestimentas, da culinária (comidas e bebidas), das formas de comunicação, entre outras. Ao organizar a festa, cada comunidade procura seguir as suas raízes culturais, tendo como fundamento a tradição da sua história cultural

e da devoção ligada a um santo padroeiro. É assim que as festas comunitárias são práticas preservadas até os dias atuais e que, além de reforçarem uma tradição local, são responsáveis pela memória social e pela construção identitária dessas comunidades.

2.1 As festas comunitárias

As festas comunitárias ocorrem sempre aos domingos e obedecem ao calendário religioso estabelecido anualmente pela paróquia da Igreja Católica sediada na cidade. O objetivo das festas comunitárias é arrecadar fundos para realização de reformas e melhorias na infra-estrutura da comunidade que inclui realizar reparos na capela, na escola, no pavilhão das festas, pagar as contas de luz, água, entre outros, visando a própria sustentabilidade da comunidade. Entretanto, o seu significado ultrapassa o objetivo econômico, pois, enquanto prática cultural, ela consegue mobilizar as pessoas da comunidade e de outras localidades próximas e é nesses eventos que ocorrem a reunião, o reencontro, a integração com parentes, amigos, vizinhos e visitantes de outras comunidades. Nesses momentos são reforçados os valores comunitários, as crenças, as tradições culturais e a própria prática da festa.

Cada comunidade que sedia os festejos constitui seus representantes a partir de uma diretoria, geralmente composta pelos chefes das famílias locais, que é a responsável pela realização e organização dos eventos da comunidade. A organização da festa exige a mobilização e a participação de várias pessoas, embora a responsabilidade maior pela realização do evento fique ao encargo da diretoria de cada comunidade local.

A comissão dos organizadores da festa é composta pelos membros da diretoria, geralmente formada por homens, mas também há a participação das mulheres. No dia da festa, os organizadores dividem as tarefas a serem executadas; em geral, os homens ficam encarregados de assar o churrasco, de vender as bebidas na copa, enquanto as mulheres ficam responsáveis pelas saladas, pelos pães, pelas cucas, pelos doces e outros. Assim, no espaço público da festa, homens e mulheres reproduzem os papéis sociais que desempenham na vida cotidiana.

As festas comunitárias são marcadas por dois momentos distintos: o sagrado e o

profano. O primeiro é representado pelo ritual religioso composto das rezas, dos cantos e dos agradecimentos aos santos, expressos nas ações realizadas durante celebração da missa. O segundo momento é representado pelas atividades ligadas aos prazeres do corpo que envolvem as comidas e as bebidas, os jogos e a dança. É, nesse segundo momento, que o almoço se destaca como uma potente oportunidade de partilha e conagração entre a comunidade. É uma grande reunião (ceia), um dos momentos mais esperados da festa; pode-se afirmar que este é o ápice da festa. A união dos participantes, dispostos em longas mesas em torno da comunhão do alimento, reproduz uma combinação de células familiares, cujos integrantes são desde os anciãos até os bebês de colo, formando uma grande teia familiar, por onde circulam as informações. Essa teia é desenhada com os contornos do que seria uma grande família unida em torno de um único propósito: a construção e a manutenção do espírito comum.

Pode-se afirmar que, nestes dois momentos, o festejo reforça a noção de sentido comum, de pertencimento a um mesmo lugar, reafirmando os laços comunitários entre as pessoas, na comunhão e na partilha das mesmas crenças baseadas na doutrina do Cristianismo, expressas através das práticas da religião católica a partir da celebração do Santo Padroeiro. A narrativa religiosa, enquanto mediação, é a responsável pela religação simbólica do homem com a sua transcendência e pela sua conexão com o universo. Ao mesmo tempo, a partir dessa narrativa, são reforçados os laços de sociabilidade através dos encontros e reencontros entre os familiares, os amigos, os vizinhos e os parentes proporcionados pela prática e o espírito da própria festa. A junção destes dois momentos (sagrado/profano) complementa e reforça os laços que unem uma comunidade, perpetuando assim a busca de um eterno espírito comum.

3 O ESPÍRITO COMUM, O CICLO INFORMACIONAL, A TRAMA DE INFORMAÇÕES E AS MEDIAÇÕES

Nas festas comunitárias, o espírito comum pode ser apreendido como um alinhamento das distintas relações de sentido expressas a partir da

experiência compartilhada e que nos remetem à noção de *comunidade*. Ao retomar as categorias centrais de Tönnies (*Gellefschaft* e *Gemainschaft*, sociedade e comunidade), Paiva (2003) atualiza o conceito de comunidade, propondo uma perspectiva que vai além da dicotomia de Tönnies, ao tratar essas categorias como complementares, ancorada na construção do que seria uma nova forma de laço social. Para a autora, na sociedade contemporânea, a comunidade, enquanto sustentáculo de “agenciamentos interpessoais e midiáticos” (PAIVA, 2003, p.10), atua como uma alternativa aos processos globalizadores que permeiam as instituições e as corporações. E é, neste sentido, que a produção da informação e da comunicação nas festas comunitárias se tornam potencializadoras das práticas sociais que têm como lastro a experiência em comum, substancializando assim o que vigora como o “espírito comum”.

O conceito de *comunidade*, do ponto de vista da sociedade em que vivemos, é também problematizado pelo filósofo Bauman (2003); segundo ele, vivenciamos uma necessidade da comunidade que reflete principalmente a necessidade de nos sentirmos seguros e protegidos dentro das incertezas e da fluidez de nosso mundo contemporâneo. Na sua análise, Bauman parte da evocação aos significados da palavra “comunidade”: “Comunidade [...] é sempre uma coisa boa”, “[...] é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado” (BAUMAN, 2003, p.7) e continua: “Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo [...]”, “[...] podemos contar com a boa vontade dos outros” (BAUMAN, 2003, p.8).

As palavras de Bauman remetem a um sentido de comunidade que reivindicamos no texto como aquilo que consistiria no “fermento” para a consolidação do espírito comum. Da mesma forma, as suas palavras deixam claro como esse sentido de comunidade está no cerne da mobilização em torno das festas comunitárias e pode ser apreendido como algo que parece estar sempre em estado latente na sociedade e que pode ser invocado a partir das mais distintas práticas.

Pode-se afirmar que uma das principais qualidades do homem é a sua capacidade de

representar simbolicamente as práticas vividas, transformando-as em informações que podem ser comunicadas. O ato de gerar, transmitir e receber as informações sobre os acontecimentos sociais está diretamente ligado ao processo de aprendizagem dos sujeitos no cotidiano. Conforme Araújo (1999), é através destes processos (gerar – transferir – receber informações) que os sujeitos constroem e reconstróem os seus projetos de civilização. Neste contexto, a produção e a reprodução dos artefatos e bens culturais podem ser transmitidas e preservadas através das práticas informacionais que se constituem em uma forma de poder cultural ou simbólico.

De acordo com Marteleto (2002), a antropologia da informação domina o modelo ocidental de conhecimento, uma vez que nela se delimitam grupos de produtores, mediadores e receptores das informações. Somado a isso está o fato de que a informação, o conhecimento e a comunicação fazem parte das relações estabelecidas entre os sujeitos. Como observa Araújo (2001, p. 8), “Toda prática social pode ser considerada uma prática informacional, pois toda interação humana pressupõe recepção, geração ou transferência de informação.” Essas etapas formam um ciclo, idéia elaborada por Le Coadic (1996), que, no contexto da informação, adquire a seguinte forma: produção – transmissão – uso da informação, constituindo um processo. O ciclo informacional é ininterrupto, uma vez que as etapas apresentam uma seqüência e se renovam constantemente.

Segundo essa abordagem, toda a informação é gerada por um sujeito e transmitida por um canal até chegar a um destino (um receptor). Ela pode ser conduzida de diversas formas através de textos, imagens, sons ou animação. A produção da informação acontece por meio de uma seqüência de dados (os símbolos quantificados como o alfabeto, por exemplo). A informação consiste na construção de uma abstração informal representando algo significativo para alguém pelas vias das formas escrita, oral ou audiovisual. Isto é, a inscrição é feita através de signos, dados que, quando apresentados de forma compreensível, são assimilados por alguém como informação. Informar, portanto, significa criar, representar, dar forma, construir uma idéia, produzir sentidos.

Se considerarmos a informação como um processo de representação, ela pode ser conceituada como um ato sociável que envolve

atribuição e comunicação de sentidos, mediados por pessoas pela comunicação face a face, pelo rádio, pela televisão, pelo jornal, pelo computador, pelo telefone, etc. De acordo com Le Coadic (1996, p.11), “A comunicação é, portanto, o processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas.” No processo da comunicação, a mensagem que é transmitida chega ao receptor e este, por sua vez, a transforma em conhecimento e é, desta maneira, que o sujeito reelabora e se apropria intelectualmente da informação. Essa reelaboração ou apropriação da informação é realizada a partir da abstração e interpretação dessa mensagem pelo sujeito, com base em pensamentos, idéias, noções, experiências e visões de mundo que este compartilha com os demais indivíduos na sociedade. Quando se envia uma mensagem, tanto pelo sujeito emissor, quanto pelo receptor, a mesma é interpretada e, a partir daí, ela pode adquirir um novo sentido. A informação faz parte do contexto subjetivo da ação do sujeito receptor e este faz uso da mesma conforme as suas necessidades.

Ao utilizar a informação, o sujeito produz conhecimento, isto é, o sujeito que faz uso da informação absorve o seu conteúdo e modifica o seu estado de pensamento formando, a partir daí, uma nova idéia. Esta idéia, uma vez alterada, é passada para outras pessoas que a absorvem e geram uma nova informação, transmitindo-a, então, a outros sujeitos que a tomam como conhecimento e mudam o seu pensamento e assim sucessivamente. Esta rotatividade dissemina e gera novas informações formando e dando vida ao ciclo informacional que é dinâmico, não possui início e nem fim, pois é reciprocamente alimentado, gerando interação de acordo com as necessidades de produção, de comunicação e do uso da informação.

O modelo social do ciclo informacional (produção - transmissão - uso) pode ser visualizado na dinâmica dos festejos comunitários. Estes festejos são permeados por um conjunto de informações que ali circulam formando uma teia ou rede de informações, a qual denominamos de trama de informações. Participam desse processo vários agentes sociais mediadores envolvidos na organização do evento. A trama de informações constitui-se de trocas coletivas envolvendo todo o ciclo informacional na construção da festa. Neste contexto, a trama de informações é um processo que faz a ligação entre as etapas do

ciclo informacional e a interação dinâmica entre todos os membros que englobam e participam da festa. A trama evidencia o compartilhamento das informações de modo não linear e, ao mesmo tempo, a criação de diversas formas de produção, transmissão e uso das informações e é, neste sentido, que apropriamo-nos da metáfora utilizada por Brandão (1982, p. 48): “Essa é a trama da rede: [...] trocas que fabricam o pano [...] enreda o corpo do homem na tarefa de criar [...]” Assim, as práticas informacionais estruturam-se na forma de redes sociais, criando um conjunto de diversas relações coletivas. Na visão de Marteleto (2001), a organização em redes é uma forma dinâmica de intercambiar idéias, informações e de fortalecer as ações de indivíduos, grupos e entidades sociais.

A trama de informações é constituída por sujeitos mediadores de diferentes formações, classes sociais, faixas etárias, experiências e conhecimentos, mas com um objetivo em comum: construir a festa. Essa trama é formada pelos elos de contato entre os sujeitos, situados em diferentes posições no espaço social. Segundo Marteleto (2001), os espaços sociais podem ser divididos em dois: os formais e os informais. Os espaços sociais formais são aqueles onde os sujeitos desempenham seus papéis de acordo com as normas que orientam suas práticas e discursos. Esses papéis estão ligados entre si por aqueles internalizados e vividos socialmente. Em contrapartida, nos espaços informais, os sujeitos podem desempenhar vários papéis ao mesmo tempo. Esses ambientes não possuem uma estrutura hierarquizada e os papéis ali desempenhados têm definições fluidas como, por exemplo, o líder de um grupo ou o mediador. Nas festas comunitárias, as interações entre os sujeitos são mediadas pela hierarquização dos papéis que cada um deles ocupa e desempenha no contexto social. Essa hierarquização é reproduzida no ritual e, desta forma, percebida pelos demais sujeitos.

Os organizadores e os grupos participantes tornam-se mediadores das festas quando se tornam agentes do contato com os demais para organizarem e estruturarem a festa. É desta forma que se criam os sentidos e significados formando a complexa trama de informações que enreda a festa. São considerados os mediadores da festa: o padre, os membros da diretoria, os líderes dos grupos da comunidade

(grupo de jovens, clube de mães, liga de corais, entre outros), os representantes das instituições locais (escola, empresas da região, banda musical, entre outros) e os representantes da mídia (rádio, jornal, e outros). Os meios ou instrumentos nos quais os mediadores se apóiam para construir as suas narrativas ou discurso, transmitir as suas concepções de mundo e produzirem as significações da festa, fazem parte do cenário que compõe os festejos; entre eles estão: as imagens dos santos (as), a Bíblia, o sermão, o calendário religioso, os cartazes e os folderes de divulgação, as notas de divulgação do jornal, o programa da rádio local, a propaganda dos patrocinadores, os cartões de almoço, entre outros recursos materiais e simbólicos.

Conforme Silverstone (2002, p. 37), “A mediação envolve o trabalho complexo de instituições, grupos e tecnologias. Ela não começa nem termina com um texto singular.” Conforme o autor, suas pretensões são comprometidas no ponto de transmissão, pela certeza de que na próxima comunicação, o comentário ou a interrogação iminentes levarão as coisas e os significados adiante. A mediação também pode ser considerada como o produto dos atos e experiências da vida cotidiana que ocorrem de maneira compartilhada. Como lembra Orofino (2006), os significados comuns mediados circulam e através deles, nós, enquanto sujeitos produtores e consumidores, agimos e interagimos em uma busca de construção de sentido sobre o mundo. A mediação é tanto a circulação de sentido (condição do contexto cultural em que vivemos na atualidade), como a tradução (ação humana de posicionamento ativo diante desta realidade). Nessa perspectiva, a autora argumenta que, para uma compreensão da cultura, é preciso compreender também as formas de comunicação e a comunidade: quais os padrões existentes, as descontinuidades que se revelam e os modos através dos quais uma estrutura de sentimento atravessa gerações no tempo-espaço da vida social.

A tradução da informação, para Silverstone (2002), é transformativa, envolvida por confiança, agressão, apropriação e restituição. Onde declaramos nossa crença, alegamos ter posse do significado “informativo”. Esse significado implica transição entre “textos” passados e presentes que se movem através do tempo e dos espaços, do público para o privado.

No contexto das práticas sociais, a informação é o elemento que age como a energia do processo comunicativo. As práticas informacionais podem ser definidas como ações de recepção, geração e transferência (mediação) de informação que se desenvolvem através dos circuitos informacionais que ocorrem nos contextos culturais (ARAÚJO, 2005).

Na dinâmica das práticas sociais, as trocas informacionais tornam-se um elemento central no processo de circulação da informação, pois é a partir das mediações que se controem as narrativas das festas comunitárias.

4 NARRATIVA VISUAL E MEDIAÇÃO DO ESPÍRITO COMUM NAS FESTAS COMUNITÁRIAS

O estudo analisou como narrativas o material coletado na pesquisa de campo por entender que as mesmas expressam os saberes do cotidiano. Esses saberes, diferentes do saber científico, são fundados nos costumes e na tradição e podem nos ajudar a compreender como os atores sociais elaboram as suas visões de mundo e ordenam as relações entre as coisas e o mundo. Como define Leal (2006, p.20), “[...] narrar significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução.” E complementa: “As narrativas, assim, tecem a experiência vivida e podem aparecer no cotidiano, contadas pelos seres humanos, ajudando-os a viver e agrupando-os, distinguindo-os, marcando seus lugares e possibilitando a criação de comunidades.”

Nesta ótica, o pesquisador, ao escolher as narrativas como objeto de pesquisa, possibilita o delineamento das formas de articulação da vida cotidiana. De acordo com Leal (2006, p.22):

[...] ‘narrar’ apresenta-se como metáfora de ‘articular’ e o trabalho do pesquisador funda-se na apreensão dessas relações. As narrativas emergem como resultado da intermediação das forças sociais, as mais diversas; caracterizam equacionamentos possíveis dessas forças, em pontos peculiares do fluxo histórico e social.

As narrativas são compostas pela pluralidade e diversidade dos materiais simbólicos e suas naturezas evidenciando a sua

complexidade, enquanto discursos sociais e é, nesta perspectiva, que as diversas narrativas do cotidiano adquirem importância no âmbito das festas. O saber cotidiano abrange as experiências comunicacionais diárias e a sua relação com as mídias e seus produtos.

As festas comunitárias foram percebidas e analisadas em seu contexto como narrativas (orais e escritas) dos protagonistas dos festejos (mediadores), como narrativas visuais compostas dos cenários e das imagens ali presentes e também por aquelas narrativas construídas pelo próprio olhar do pesquisador sobre aquele universo, por meio das imagens fotográficas. O conjunto dessas narrativas realiza as mediações na construção do espírito comum das festas.



Imagem 1 – Almoço

Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel

As narrativas orais da festa são construídas através da comunicação direta e das interações face a face entre os sujeitos que participam dos festejos. O encontro no dia da festa entre os familiares, amigos, vizinhos e conhecidos viabiliza as trocas informacionais. As narrativas escritas necessitam da mediação de aparatos tecnológicos para que as informações de conteúdo simbólico sejam transmitidas. No espaço da festa, elas podem ser visualizadas através do folheto distribuído na igreja durante a realização da missa, no cartão do almoço, nas “lembranças da festa” vendidas aos participantes e nas propagandas das empresas patrocinadoras presentes no cenário dos festejos.

A festa, na sua totalidade, é o momento da partilha do espírito comum, pois é o espaço

coletivo onde ocorrem as trocas simbólicas e afetivas. Algumas das ações realizadas na festa podem ser consideradas como componentes de um ritual visando a consolidação do espírito comum que se dá através da partilha e da comunhão entre todos os participantes quando se reúnem e, a partir daí, as trocas simbólicas se renovam. A missa é o momento do reencontro e da renovação da fé cristã. A hora do almoço é o momento onde todos se reúnem e festejam, partilhando o espírito comum (da alegria, do prazer) através do alimento. Nas festas comunitárias, o espírito comum só se concretiza através das trocas e da circulação das informações.

A narrativa visual é expressa em diferentes suportes materiais e é constituída das imagens que compõe o cenário das festas. As imagens, enquanto formas de comunicação, operam como testemunhas mudas de difícil tradução em palavras, mas podem complementar as narrativas orais e os textos escritos a partir de registros visuais e, nesta pesquisa, optou-se pelos registros fotográficos. Como afirma Burke (2004, p.15), as fontes visuais podem ser “[...] ‘evidência de sensibilidade e vida’, igualadas em valor à ‘literatura e documentos de arquivos’”. As imagens em forma de estátuas, pinturas, entre outras, possibilitam-nos tanto o compartilhamento das experiências, como o conhecimento de culturas passadas e daquilo que não pode ser verbalizado. Conforme Burke (2004, p.17), “O uso das imagens, em diferentes períodos históricos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc.”

Nesta mesma ótica, os registros fotográficos, mesmo que não sejam o reflexo puro da realidade, possibilitam-nos testemunhar aquilo que não pode ser traduzido através das palavras. Enquanto suportes de memória, as imagens fotográficas constituem-se em veículos de informação, na medida em que viabilizam a interpretação dos fatos e dos papéis sociais. Assim, essas imagens podem auxiliar a compreender como estão organizados os diferentes universos simbólicos e realidades tais como: o poder, a religião, os acontecimentos e as estruturas sociais.

Entretanto, como lembra Bahia (2005) ao citar Edwards (1996), quando da utilização da

fotografia na pesquisa de campo, esta depende de uma relação com outras narrativas e textos a fim de que seja melhor contextualizada. Sendo assim, para fins deste artigo, será considerada a narrativa visual das festas enquanto um conjunto de imagens, enfatizando o quanto essas imagens realizam a mediação na transmissão das informações referentes à experiência do sagrado nas festas comunitárias. Esse conjunto da narrativa visual é composto tanto das imagens fotográficas obtidas pelo pesquisador em campo, como daquelas que podem ser visualizadas no cenário da capela da comunidade, pois estas expressam as crenças assumidas culturalmente com o sobrenatural, ao mesmo tempo em que estabelecem as regras de conduta e as práticas religiosas adotadas, conforme manda os preceitos da doutrina cristã. A Igreja Católica utiliza com frequência as imagens religiosas: deuses e demônios, santos, anjos e pecadores, céus e infernos, com a finalidade de doutrinação. As imagens como meio de comunicação das doutrinas religiosas podem ser observadas através das estátuas e pinturas dispostas no interior das paredes das capelas comunitárias. Desta forma, aqueles que não sabem ler informações escritas podem “se informar” visualizando as paredes. As doutrinas e as histórias contadas na Bíblia também podem ser explicadas oralmente através da mediação da fala do sacerdote e, neste sentido, a imagem age como um complemento, um lembrete, reforçando a palavra falada.

No espaço das festas comunitárias, as imagens religiosas ultrapassam o papel de meio transmissor das informações religiosas, já que elas também podem despertar sensações e emoções. As imagens, desta forma, exercem a mediação na construção dos sentidos, assumindo uma dimensão pedagógica de aprendizado das experiências vividas na tradição da festa e na construção e compartilhamento do espírito comum dos seus protagonistas.

Entre as imagens encontradas no interior das capelas das comunidades estudadas, observamos as imagens sagradas dos santos (as), anjos, arcanjos e toda a hoste celestial que habitam no céu, destaca-se também uma fotografia do Papa, autoridade máxima da Igreja Católica. No mesmo sentido, a igreja, no dia da festa, é decorada com muitas flores coloridas, fitas e velas, compondo o cenário

para a realização do ritual durante a missa. Essa descrição da narrativa visual permite que se perceba o quanto as imagens operam como mediadores simbólicos na manutenção de valores da cultura cotidiana de pessoas comuns, atuando sobre o seu imaginário. Cabe aqui evocar Brandão (2004, p.36):

As imagens, da mesma maneira que as palavras, não costumam valer pragmaticamente apenas pelo que elas produzem ou dizem de maneira ‘objetiva’, como acontecimentos. Elas valem, também, pelos processos simbólicos e simbolicamente multi-interpenetráveis por meio dos quais fazem algo acontecer.

Reitera-se, desta maneira, que imagens dos santos, por exemplo, exercem um poder simbólico sobre aqueles que crêem, influenciando sua devoção. Portanto, as imagens, ao mesmo tempo em que são instrumentos de mediação da festa entre os seus participantes, se constituem em uma forma de aproximar as pessoas da Igreja e umas das outras, pois carregam consigo um sentido de fé, de crença, de religiosidade, elementos centrais na construção do espírito comum.



Imagem 2 – Missa

Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel

4.1 Narrativas midiáticas como mediação nas festas comunitárias

Outras narrativas visuais podem ser observadas nos cenários das festas como aquelas que constituem a comunicação publicitária. Entre essas narrativas, estão os materiais capitaneados

pelos patrocinadores do evento que são utilizados na decoração da ambiência do festejo e incluem os brindes doados para as rifas e sorteios e os calendários impressos que são distribuídos aos participantes dos eventos. O material doado às comunidades serve como forma de divulgação das empresas da região. Desta forma, elas podem obter maior visibilidade entre os consumidores que vivem nessas comunidades ou que presenciam as festas, ou seja, participando e realizando doações elas compartilham dos anseios das comunidades e, conseqüentemente, melhoram a sua imagem pública.

No mesmo sentido, essas informações publicitárias, veiculadas através das propagandas das empresas locais e regionais, constituem um dos instrumentos de mediação informacional (dos sentidos) entre os participantes das festas. Disposta nos diversos espaços e objetos que compõem o cenário das festas, a narrativa visual, enquanto linguagem da publicidade, é uma comunicação persuasiva que opera através da própria visualidade imposta pelas imagens; ela possibilita a criação de um "clima" que atua no imaginário como uma das partes do que totaliza a partilha dos sentidos comuns, fazendo com que todos se sintam pertencentes àquele espaço e isso é o que reforça o espírito comum. De acordo com Silverstone (2002), a mediação implica a circulação de significados por intermédio de textos, discursos, imagens, "quadros de avisos", ou objetos que possam ativar as nossas lembranças. Estes elementos mediadores são partes da construção dos sentidos à medida que ativam a circulação da informação.

O calendário religioso consiste em uma outra forma de mediação midiática; além da data assinalada do dia da festa divulgando os serviços oferecidos pela paróquia da comunidade local (cursos e datas para o batismo, a confirmação, a crisma, encontros com jovens, entre outros), ele contém as informações publicitárias dos patrocinadores e as informações sobre as fases da lua, que podem auxiliar os agricultores na melhor época de plantação de produtos agrícolas. Neste sentido, o calendário, além de ser considerado muito útil para os membros da comunidade por ser utilizado no cotidiano das pessoas e ainda ser uma das formas de mediação realizada pela Igreja, também atende as prerrogativas midiáticas.



Imagem 3 – Calendário

Antigamente, a divulgação das festas era feita somente pelo calendário religioso e pela comunicação face a face entre familiares, parentes, amigos e vizinhos. Hoje, são diversos os canais de comunicação utilizados pela comunidade para a divulgação da festa dividindo-se em: canais formais e informais. Os formais são: o calendário religioso, o rádio, a televisão, o jornal, etc. E os canais informais são: a interação face a face, a tómbola, os cartazes, os cartões de almoço, a banda musical, a internet, entre outros. Nas festas comunitárias, os canais formais e informais de comunicação são utilizados de forma complementar. Contudo, os meios de comunicação de massa são mais eficazes, pois apelam por estratégias comunicativas visando chamar atenção do público consumidor. Além do jornal *Folha de Estrela*, que divulga esses eventos através de notas no jornal, geralmente aos finais de semana, a emissora de rádio AM, a Rádio Alto Taquari, é um dos meios importantes pelos quais todas as comunidades rurais têm acesso à informação; através dela, é feita a divulgação das

festas atingindo um grande número de pessoas das comunidades. O radialista da rádio local está sempre presente na festa fazendo a transmissão ao vivo para os ouvintes no programa *“Alto Taquari faz a festa”* e informando a respeito do evento. Uma das estratégias adotada pela emissora é inserir em sua programação diária programas em que o locutor fala em alemão para aqueles que só se comunicam nessa língua.

Portanto, fica evidente que a narrativa visual das festas abarca uma gama de elementos que transcende o que se oferece a um primeiro olhar. É neste sentido que a mediação das estratégias da comunicação publicitária, ao fazer parte deste universo, insere outros elementos que acabam sendo incorporados como narrativa das festas, ao complementarem a composição do cenário das mesmas, bem como ao potencializarem o imaginário ligado aos festejos. Da mesma forma, devemos considerar o conjunto dos diferentes elementos que constituem toda a narrativa visual das festas, pois, é na soma dos mesmos, que se possibilita a invocação do sentido dos festejos fora do traçado feito especificamente na data do evento, ou seja, esses distintos elementos atuam como narrativa mediadora no próprio cenário cotidiano das pessoas e, desta maneira, adquirem um papel de relevo no que tangencia a perpetuação das festas comunitárias e a evocação do espírito comum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas comunitárias são regidas por uma trama de informações que é expressa na forma de narrativas orais, escritas e visuais. Na construção dessas narrativas delinea-se o papel dos mediadores, essenciais para a viabilização desse acontecimento, na medida em que estruturam as práticas sociais ali presentes, e é dessa forma que se potencializa a partilha de significados e a emergência do espírito comum.

As festas evocam elementos simbólicos e culturais que reforçam a identidade cultural do grupo social e também são responsáveis pela integração e mobilização da vida comunitária, fortalecendo o espírito comum. Revestido pelo sentimento de pertença e de comunidade, o espírito comum é reforçado pelas as narrativas dos mediadores da festa entre os participantes e, da mesma forma, pelo estabelecimento da continuidade da tradição, da rede de sociabilidade, dos laços solidários e afetivos e do

vínculo social que se cria e permanece através das trocas informacionais e comunicativas entre os membros das comunidades que buscam realizar a utopia compartilhada.

As imagens como fontes de informação, embora não possam ser considerados registros completos, podem auxiliar na reconstituição dos acontecimentos passados uma vez que acontecimentos e rituais nem sempre ocorrem conforme são planejados. As imagens, para serem compreendidas como testemunhas dos fatos e dos acontecimentos, precisam ser colocadas em seus contextos de origem, considerando as suas noções de tempo e lugar. No entanto, elas precisam ser interpretadas para além daquilo que informam em um primeiro momento, ou seja, devem também ser interpretadas por aquilo que está ausente na imagem ou pelo que apenas nos é dado pistas sobre o que poderiam nos informar.

A mediação das narrativas (orais, escritas e visuais) dos protagonistas das festas possibilita o movimento da trama, do fluxo de informações e das trocas comunicativas, dinamizando o ciclo informacional das festas comunitárias. As narrativas como forma de comunicação alimentam a memória social, da qual dependem as lembranças dos protagonistas dos festejos para renovar e fortalecer, manter e dar continuidade às tradições da cultura local e regional.

A narrativa visual, composta por uma seqüência (série) de imagens da festa e obtidas a partir do registro fotográfico, concorre na tentativa de congelar a ação de condensar a festa em uma única imagem. Na construção dessa narrativa, o pesquisador é aquele que capta as imagens dos acontecimentos através do registro fotográfico. Neste processo, ele também se coloca como mediador, pois poderá dramatizar ou valorizar esteticamente as complexas tramas que compõem os cenários, alterando os resultados, omitindo ou introduzindo detalhes sobre aquilo que vê. O fazer científico não está despido completamente do olhar apaixonado de quem seduz e quer capturar aquilo que vê. O olhar do pesquisador é contaminado por modelos padronizados de perceber, narrar os fatos e ler o mundo, do qual ele co-participa. O pesquisador precisa ter a sensibilidade para informar o leitor de que aquilo que ele viu, captou ou narrou não se constitui mais numa informação primeira, e sim, numa expressão da sua própria atuação enquanto mediador de uma realidade que se revela cada vez mais fluida.

VISUAL NARRATIVE, INFORMATION AND MEDIATION OF THE COMMON SPIRIT IN COMMUNITARY FESTIVITIES

ABSTRACT

The objective of this article is to unveil how the visual narrative helps to construct the spirit of the community festivities, once it is present everywhere and in every stage of the celebrations. The field research was carried out in the community festivities in the city of Estrela - Rio Grande Do Sul from 2004 to 2007. Through interviews, images taking and the observation of the festivities participants, it was possible to analyze how visual narrative mediates the real and symbolic exchanges among the social actors who participate in such events. The visual narratives, in the context of the community festivities, are revealed in the form of images (graphical, signals, colors...). The visual narrative as the means of information communication of the meaning of the festivities is responsible for mediating the construction of their common spirit.

Keywords:

COMMUNITY FESTIVITIES
VISUAL NARRATIVES AND MEDIATION
CULTURAL INFORMATION AND PRACTICES
COMMON SENSE

Artigo recebido em 27/03/2008 e aceito para publicação em 21/06/2008

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Eliany Alvarenga. Informação, Sociedade e Cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 155-167, maio/ago. 1999.
- _____. A Construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.5, p.1-8, out. 2001.
- _____. Geração, Mediação e uso de Informação: uma proposta de modelo teórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2005.
- BAHIA, Joana. O Uso da Fotografia na Pesquisa de Campo. **Vivência**, Natal, n.29. p.349-360, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, p. 27-54, 2004.
- _____. A Trama da Rede. In: _____. **Diário de Campo**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 48-57.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru (SP): EDUSC, 2004.
- LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera.(Orgs). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LE COADIC, Yves M. **Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de Redes Sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n.1, p. 71-81, jan/abr. 2001.
- _____. Conhecimento e Sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: _____. **O Campo da Informação: gênese, conexões e especificidade**, João Pessoa: UFB, 2002. p. 101-115.
- MORAES, Carlos de Souza. **O colono alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo**. Porto Alegre: EST, 1981.

OROFINO, Maria Isabel. As Mediações como teoria crítica. In:_____. **Mediações na produção de tv: um estudo sobre O Auto da Compadecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** Rio de Janeiro: Loyola, 2002.